

## **Haiti: terremoto, colonização e resistência**

Osvaldo Coggiola

Depois do terremoto de 12 de janeiro, que deixou um saldo de mais de 250 mil mortos, quase 10 bilhões de dólares foram prometidos ao Haiti para a sua “reconstrução”. Desse total, pouco mais de... 1%, até agora, chegou ao país, onde 1,3 milhões de pessoas vivem ao relento. O desemprego atinge 80%. O arquiteto Patrick Coulombel, especialista em reconstruções de larga escala, denunciou, em *Le Monde*, que os efeitos destrutivos do terremoto, em especial em vidas humanas, se ampliaram enormemente devido ao caráter precário das construções e da infraestrutura do país, sobretudo na capital Porto Príncipe (Port-au-Prince), precariedade agravada no passado, e aprofundada para o futuro, devido à fuga de profissionais e de mão de obra qualificada do país (com uma força de trabalho estimada em 3,6 milhões, há escassez de mão de obra qualificada, e o índice oficial de analfabetismo é de 47,1%; a expectativa de vida, que era de apenas 60,9 anos, foi violentamente baixada pelo sismo). O terremoto, com magnitude sísmica 7,0 na escala Richter, atingiu o país a aproximadamente 22 quilômetros da capital. O palácio presidencial, várias escolas, hospitais e outras construções ficaram destruídos após o terremoto e estima-se que 80% das construções de Porto Príncipe foram destruídas ou seriamente danificadas. Porto Príncipe e as favelas de Cité Soleil e Bel-Air foram construídas de forma espontânea com a ausência de recursos mínimos de construção civil. Isso potencializou a destruição.

As tropas estrangeiras da Minustah (encabeçadas pelo exército brasileiro, com 1,2 mil soldados, que formam o maior contingente brasileiro enviado ao exterior desde a Segunda Guerra Mundial), crescentemente odiadas pela população, abriram fogo contra estudantes na Universidade de Haiti, o que motivou um pedido de investigação da ONU. Os militares da Minustah passaram a uma repressão aberta contra os manifestantes, em Les Cayes, Port-au-Prince, Ouanaminthe, ferindo e matando (até granadas lançaram sobre a população, em plena zona de mercado, chegando a queimar todas as mercadorias dos pequenos comerciantes). O caráter para nada “humanitário” da presença dessas tropas já ficou provado aos olhos do mundo (pelo menos do “mundo” que quer ver) quando, em dezembro de 2006, a Minustah atacou uma manifestação opositora de 10 mil pessoas, assassinando 30 pessoas (entre as quais mulheres e crianças). Com 7 mil soldados, desde 2004, a Minustah usa armas pesadas, apropriadas para uma guerra civil, e não para “impor ordem” contra grupos criminosos marginais, em um país devastado pela pobreza, pelo terremoto, e onde as favelas e a miséria não pararam de crescer durante todos esses anos. As tropas brasileiras estão fazendo do Haiti um campo de treinamento, que serve à militarização de diversas periferias urbanas. Há treinamentos dessas tropas em favelas do Rio de Janeiro: elas vão ao Haiti e depois retornam à cidade carioca, como foi o caso da ocupação do Morro da Providência pela Guarda Nacional, em 2008.

O imperialismo capitalista quer, na verdade, “reconstruir” o Haiti de operários a dois dólares por dia. Depois do terremoto que deixou mais milhões do que antes na miséria, além das dezenas de milhares de mortos, a operação de “socorro internacional” é um gigantesco

fracasso e, ao mesmo tempo, a cortina de fumaça para encobrir enormes negócios capitalistas, pouco preocupados em resolver a tragédia humanitária do país. A assembléia de países "amigos" de Haiti que se realizou, logo depois do sismo, em Montréal (Canadá) não votou sequer o cancelamento da dívida externa do país caribenho. Todo o papo humanitário (humani-otário) apontou a ocultar a exploração política e econômica do terremoto em função da colonização imperialista. Empresas ianques se disputam o cobiçado negócio da "limpeza" do Haiti, depois de se ter apresentado como "doadoras desinteressadas" frente à catástrofe.

Uma dessas empresas, a AshBritt, participou da reconstrução de Nova Orleans, depois do furacão Katrina; em um informe a respeito apresentado no Congresso dos EUA se observou que "AshBritt usou múltiplas sub-contratadas (terceirizadas) para inchar os custos". Sonapi, o parque industrial de Porto Príncipe, reabriu suas portas. Sua principal produção são textis exportados aos EUA, com salários de menos de sete dólares diários (seis dólares oferecem as Nações Unidas aos que participam em tarefas de limpeza). No caso das terceirizadas, elas pagam menos de dois dólares por dia. Haiti tem custos trabalhistas inferiores à China, referência mundial no quesito. A mão de obra haitiana não só é barata, mas de boa qualidade, devido à tradição da indústria textil no país.

Um especialista em desenvolvimento da Universidade de Oxford denunciou que a própria ajuda humanitária é, basicamente, um negócio para as agências arrecadadoras e seus (salarialmente) obesos dirigentes, que concorrem entre si para arrecadar e "aparecer" no Haiti, fazendo bem pouco. O "mundo" saudou a rápida reação de Obama diante do terremoto, oferecendo 100 milhões de dólares (mesma quantia foi oferecida pela ONU): o custo, no entanto, até o presente, da operação militar de ocupação da ONU foi de quase quatro bilhões de dólares (quarenta vezes mais). Bill Clinton e... George W. Bush, foram designados para serem os coordenadores do "esforço de reconstrução" do Haiti. Em contraste, "Cuba, apesar de ser um país pobre e bloqueado, desde há anos está cooperando com o povo haitiano. Por volta de 400 médicos e especialistas da saúde prestam cooperação gratuita ao povo haitiano. Em 127 das 137 comunas do país trabalham todos os dias os nossos médicos. Por outro lado, não menos de 400 jovens haitianos foram formados como médicos na nossa Pátria. Trabalharão agora com o esforço dos nossos médicos que viajaram ontem para salvarem vidas nesta crítica situação" (Fidel Castro).

O mais velho órgão de imprensa do imperialismo capitalista, *The Economist*, propôs simplesmente legalizar o domínio imperialista, em editorial publicado na cínica revista inglesa, uma semana após o terremoto: "A autoridade poderia ser estabelecida com auspícios da ONU e de um grupo de países (Estados Unidos, Canadá, Europa e Brasil, por exemplo). Poderia ser exercida por um *outsider* adequado, como Bill Clinton. Alguns poderiam objetar que isso conspiraria contra um governo democraticamente eleito. Mas não há muito contra o que conspirar" (sic). O terremoto serviu de álibi para o reforçamento da presença militar norteamericana na região, com o envio de 14 mil marines ao Haiti, sob pretexto de prestar ajuda humanitária, e também no estabelecimento de bases militares na Colômbia e no envio da IV Frota para patrulhar o Atlântico. O avião de auxílio da Caricom não pode aterrissar no aeroporto Toussaint Louverture, assim como o avião da Força Aérea Brasileira: tiveram que aportar em Santo Domingo, na República Dominicana, uma vez que

os fuzileiros navais dos EUA tomaram o controle do aeroporto e dos portos haitianos. Para autoridades haitianas, e até para universitários, “o terremoto pode ser uma oportunidade” (para o Haiti sair do esquecimento): para o imperialismo, o Haiti nunca foi “esquecido”, e a “oportunidade” para submetê-lo ainda mais está sendo aproveitada a fundo.

O terremoto, na verdade, deu uma “oportunidade” para continuar e aprofundar a última fase da intervenção militar imperialista no Haiti. A 1º de junho de 2004, após uma reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas que violava uma vez mais as regras do direito internacional, iniciava-se oficialmente uma nova ocupação militar no Haiti. Coincidentemente, o Conselho encarregou as forças armadas brasileiras de coordenar esta ocupação.

O meio rural haitiano, como todo o país, é muito pobre. 65% da população, de aproximadamente dez milhões de pessoas, é camponesa, e vive em extrema pobreza. A maioria dos camponeses tem pouquíssima terra, e na maioria dos casos não possui nenhuma titulação e regra para seu uso. A crise ambiental se agrava cada vez mais devido ao uso intensivo de tecnologias nocivas ao meio ambiente, e ao consumo intensivo de carvão, utilizado em 70% das cozinhas do país. Em todo o território resta apenas 3% da cobertura florestal nativa. As políticas induzidas pelo FMI e os EUA destruíram a capacidade produtiva do país. Em 1970, Haiti produzia 90% de sua demanda alimentar. Atualmente (antes do terremoto) importa-se cerca de 55% de todos os gêneros alimentícios consumidos. Na agricultura os principais produtos são café, cana-de-açúcar, banana, milho, batata-doce e arroz. A pecuária é incipiente com pequenos rebanhos eqüinos, bovinos, caprinos e aves. A atividade mineradora extrai mármore, argila e calcário. A sua frágil indústria concentra-se nas áreas alimentícia, siderúrgica (ferro e aço), têxtil, petroquímica (plástico e borracha).

De 1915 a 1934 uma ocupação militar norte americana gerou enormes batalhas de resistência contra o invasor, com uma guerrilha rural dirigida por Charlemagne Peralte (1886-1919). Os EUA se retiraram quando conseguiram cobrar as dívidas do Citybank e abolir o artigo constitucional que proibia vender as plantações de açúcar aos estrangeiros. Robert Lansing, secretário de Estado, justificou a longa ocupação militar afirmando que a raça negra seria incapaz de governar-se a si própria e que teria “uma tendência inerente à vida selvagem e uma incapacidade física de civilização”. William Phillips, outro funcionário dos EUA, já havia declarado os haitianos “um povo inferior, incapaz de conservar a civilização que haviam deixado os franceses”. A Guardia Nacional, criada e treinada pelos norteamericanos, ficou em seu lugar quando suas tropas se retiraram em 1934, e fiscalizava o cumprimento de uma lei que revivia a prática de trabalhos forçados no Haiti (*corvée*). A lei oficialmente requeria que os camponeses haitianos trabalhassem, de graça, nas estradas por três dias ao ano. Entretanto, em alguns casos, os trabalhadores eram forçados a trabalhar de graça amarrados com cordas durante semanas, e até meses. Só em 1941, os EUA abdicaram do controle alfandegário do país, instaurado em 1905, para cobrar dívidas que remontavam à primeira metade do século XIX.

Em 1946, uma rebelião popular derrubou o presidente mulato Elis Lescot, levando ao poder o negro Dumarsais Estimé, destituído por um golpe militar liderado por Raoul Magloire em 1950. Durante o governo de Magloire foi promulgada uma nova constituição que, pela

primeira vez, dava ao povo haitiano o direito de eleger diretamente o presidente. Magloire, porém, decidiu perpetuar-se no poder com o apoio do exército, o que provocou uma violenta reação popular, resultando na renúncia do presidente. Nos nove meses seguintes à queda de Magloire, o Haiti conheceu sete governantes diferentes. Finalmente, em 1957, após eleições fraudadas, foi eleito o médico negro François Duvalier. Na verdade, de 1957 a 1986 uma ditadura, imposta e comandada pelos Estados Unidos, reinou no país. O sobrenome "Duvalier" (Duvalier, presidente vitalício a partir de 1964, e seu filho Jean Claude Duvalier, governaram Haiti nesse período) não podia sequer ser pronunciado em público. 30 mil militantes, sobretudo comunistas, foram mortos.

Os *tonton macoute*, guarda pessoal dos Duvalier, reinou e massacrou até a queda do regime duvalierista, em 1986. Diante da oposição popular, Jean-Claude Duvalier - o *Baby Doc*, decretou estado de sítio. Os protestos populares se intensificaram e ele fugiu com a família para a França (que recebeu "humanitariamente" o "refugiado" cuja família desviara, ao longo de três décadas, a renda nacional do Haiti para bancos e investimentos franceses), deixando em seu lugar o General Henri Namphy. Eleições foram convocadas e Leslie Manigat foi eleito, em pleito caracterizado por grande abstenção. Manigat governou de fevereiro a junho de 1988, quando foi deposto por Namphy. Três meses depois, outro golpe pôs no poder o chefe da guarda presidencial, General Prosper Avril.

Em setembro de 1991, após a queda de um presidente eleito, Jean Bertrand Aristide, um golpe militar violentíssimo impôs o terror por mais de três anos. Em 1994 uma nova ocupação militar norte-americana se instalou no país, com quatro mil mortes e mais de 12 mil militantes obrigados a deixar Haiti. A última ocupação militar, efetivada a partir do golpe de Estado que derrubou uma vez mais o governo de Aristide, é comandada pelo Brasil, e formada por 36 países. Foi aprovada pela ONU (CSNU) na Resolução 1529 (de 2004), que autorizou tropas estrangeiras a entrarem em território haitiano. Nesse ano, em 4 de março, foi nomeado o "Conselho Tripartite", incumbido de selecionar sete "pessoas eminentes" que formariam o "Conselho de Sábios" que, por sua vez, selecionaria um novo Primeiro-Ministro (o "Conselho" indicou Gérard Latortue).

Em abril de 2009, a Câmara de Deputados aprovou o aumento do salário mínimo de dois para cinco dólares diários (de 70 para 200 *gourdes*, menos de dois dólares é o salário de miséria que oferecem as zonas francas controladas pelas maquiladoras estrangeiras, especialmente norte-americanas); a cinco de maio o Senado ratificou a lei procedente do congresso. Mas o novo presidente René Garcia Preval, com apoio empresarial (inclusive, e sobretudo, dos empresários dos EUA: os principais parceiros comerciais do Haiti são os EUA [77,9 %], a República Dominicana [8,9%], e o Canadá [5.3%]) se recusou a assinar a lei já aprovada pelas duas câmaras legislativas (a Assembléia Nacional do Haiti é bicameral, composta pelo Senado [27 membros com mandato de 6 anos, e 1/3 eleito a cada dois anos] e pela Câmara dos Deputados [83 membros eleitos pelo voto popular para mandato de quatro anos]).

A Minustah reprimiu as manifestações de protesto usando armamento e veículos de guerra. Em junho de 2009, depois da morte de um dirigente de um importante partido político, centenas de pessoas participavam de seu enterro: militares da Minustah dispararam

sobre o cortejo, assassinando uma pessoa e ferindo várias outras. A última fase de intervenções imperialistas no Haiti se estendeu ao longo do último quarto de século, a partir da intervenção militar ordenada por Bill Clinton em 1994, com a Força Multilateral Interina (MIF, pela sigla em inglês), formada por Estados Unidos, Canadá, França e Chile, força multinacional, liderada pelos EUA, que entrou no Haiti para reempossar Aristide. Os chefes militares haitianos renunciaram a seus postos e foram anistiados. Depois da nova queda de Aristide, a MIF foi substituída em junho de 2004 pela Minustah. O balanço destas intervenções é catastrófico, as tropas estrangeiras despertam cada vez mais o repúdio da população explorada, que vai se transformando em mobilização política contra o governo fantoche de Preval.

Depois do terremoto, os EUA aprovaram uma lei (em inglês: *Haitian Hemispheric Opportunity through Partnership Encouragement*, ou "Hope" – Oportunidade Hemisférica Haitiana através do Incentivo à Parceria) para regulamentar os intercâmbios comerciais entre os Estados Unidos e o Haiti, lei que abole as barreiras para realizá-los sem pagar taxas alfandegárias, ou mesmo qualquer taxa que o Estado possa cobrar sobre as mercadorias ou que trave sua circulação. As mercadorias indicadas por essa lei são os produtos têxteis provenientes das maquiladoras haitianas. O governo haitiano, por sua vez, se comprometeu a abolir qualquer controle sobre os produtos norte-americanos, não pode levantar qualquer barreira ao capital multinacional, ou controlar os preços das mercadorias à venda no país, e se comprometeu a avançar na privatização dos serviços públicos.

A 10 de maio passado, alguns milhares de manifestantes se dirigiram ao semi-destruído palácio de governo de Haiti para protestar contra o prolongamento do mandato do presidente René Preval, aprovado pelo senado, que lhe permitiria continuar no poder até maio de 2011. Os protestos tiveram um caráter espontâneo e muitos manifestantes se dirigiram ao Palácio Nacional gritando "estamos com fome", culpando Preval pelo alto preço do arroz (o arroz dobrou de 35 para 70 dólares o saco de 50 quilos), das frutas e do leite, e exigindo sua renúncia e a saída das tropas da ONU do país. Em Petit-Goâve (zona sul), os manifestantes puseram fogo numa base da Minustah. Ao longo de vários dias de protesto, a repressão já deixou um saldo de, pelo menos, cinco mortos e dezenas de feridos. E a classe operária também levanta a cabeça: na zona franca de Ouanaminthe, os operários conseguiram com sua luta que "Grupo M" (maquiladora multinacional) aceitasse o princípio de um contrato de trabalho coletivo. O próprio secretário geral da ONU declarou que a inflação dos alimentos é uma "ameaça à segurança" do Haiti. As manifestações populares foram reprimidas por guardas privados e pelas forças de ocupação dos países latino-americanos. Cristina Kirchner passou por Porto Príncipe para "felicitar" as tropas argentinas por su "grande tarefa"...

A colonização capitalista do campo vem da mão do Projeto Winner, que investirá 126 milhões de dólares nos próximos cinco anos "para construir uma nova infraestrutura agrícola no Haiti", com o objetivo de aumentar sua produtividade, com assistência técnica especializada, serviços técnicos e insumos agrícolas, como pesticidas e fertilizantes (agro-tóxicos). Por seu intermédio serão distribuídas 475 toneladas de sementes da multinacional Monsanto, que passará a controlar completamente a agricultura haitiana, com vistas à

exportação a preços baixos, baseados na mão de obra semi escrava e na destruição ambiental. A recolonização do país seria completa.

Mas o Haiti operário e camponês, a verdadeira nação haitiana, vive e luta, contra a miséria social, a catástrofe, e a opressão nacional reforçada. Nacional pela forma, sua luta é internacional pelo conteúdo. América Latina deveria se levantar para exigir a retirada dos marines ianques, e da Minustah, do combalido país que deu ao mundo o exemplo de uma revolução de independência nacional encabeçada por escravos, e muito mais. A ajuda internacional contra a catástrofe deveria ser financiada por um imposto excepcional sobre as multinacionais que lucraram durante décadas com a miséria salarial e social haitiana: a classe operária metropolitana, norte-americana e francesa em primeiro lugar, deveria tomar essa bandeira. E a ajuda deveria chegar, não através das ONGs de pilantras ou do corrupto e repudiado governo, mas das organizações operárias e populares que estão lutando no país e dos países doadores. Um movimento latino-americano e internacional deveria se levantar para apoiar a luta de Haiti pela democracia e pela independência nacional: é, como poucas, uma questão de honra.

### Referências Básicas

- ANNIS, Roger. Haiti's earthquake victims in peril. *The Bulletin* nº 331, Ottawa, 21 de março de 2010.
- CASTOR, Suzy. Reembaralhando as cartas após o 12 de janeiro. *Cadernos da América Latina* XV. São Paulo, maio de 2010.
- CASTRO RUZ, Fidel. Enviamos médicos e não soldados. *Granma*, Havana, 23 de janeiro de 2010.
- Catastrophe in the Caribbean. *The Economist*, Londres, 16 de janeiro de 2010.
- CHOSSUDOVSKY, Michel. Haiti: operación humanitaria o invasión? *Global Research*, 19 de janeiro de 2010.
- COULOMBEL, Patrick. Fragile comme du béton. *Le Monde*, Paris, 23 de janeiro de 2010.
- DANTICAT, Edwige. *Adeus, Haiti*. São Paulo, Agir, 2010.
- DE RENZIO, Paolo (entrevista). Arrecadação humanitária virou negócio. *Folha de S. Paulo*, 18 de janeiro de 2010.
- DIAMOND, Jared. Haiti après le chaos. *Le Nouvel Observateur*. Paris, 18 de fevereiro de 2010.
- ELLIOT, Julián. El Haiti de los Duvalier. *Historia y Vida*, Madri, fevereiro de 2010.
- FATTON, Robert. Terremoto pode ser uma oportunidade. *Folha de S. Paulo*, 18 de janeiro de 2010.
- GALEANO, Eduardo. La maldición blanca. *Jornal Buenos Aires*, 4 de abril de 2004.
- GALEANO, Eduardo. Os pecados do Haiti. *Cadernos da América Latina* XV. São Paulo, maio de 2010.
- GAUTHÉRET, Jérôme. Haiti, la malédiction. *Le Monde*, Paris, 15 de janeiro de 2010.
- GOMES, Thalles. Haití: Monsanto y el Proyecto Vencedor. *ALAI*. América Latina em Movimento, 19 de maio de 2010.
- HUGEUX, Vincent. Haiti, terre de tragédies. *L'Express*, Paris, 21 de janeiro de 2010.
- JADOTTE, Evans. Income distribution and poverty in the Republic of Haiti. *PMMA Working Paper* 2006-13, Poverty and Economic Policy, Universidad de Barcelona, junho de 2006.

KLEIN, Naomi. Haiti: um pays créditeur, non débiteur. *Investigation*, Bruxelas, 24 de fevereiro de 2010.

LAVALASSE, Jean. Le rôle des ONG em Haiti soulève beaucoup de questions. *Investigation*, Bruxelas, 27 de janeiro de 2010.

LEO, Sergio. EUA e Brasil, juntos no Haiti. *Valor Econômico*, São Paulo, 25 de janeiro de 2010.

NACHTWY, James. Out of the ruins. *Newsweek*, Nova York, 8 de fevereiro de 2010.

PÉAN, Leslie. Haiti-Salaire minimum : les 200 gourdes et l'État de droit. *Investigation*, Bruxelas, abril de 2009.

PÉAN, Leslie. Le cataclysme des Duvalier et celui du 12 janvier 2010. *ALAI*. América Latina em Movimento, 15 de maio de 2010.

SEGUY, Frank. O Haiti se liberta ou irá desaparecer. *Informandes* nº 4, Belém, 30 de janeiro de 2010.

SMITH, Ashley. Haiti after the quake: imperialism with a human face. *International Socialist Review* nº 70, Nova York, março-abril de 2010.

SORENSEN, Dale et al. *Haiti, an Oppressed State*. Nova York, Latin American Solidarity Coalition, 2009.

VIVAS, José Luis. Haiti: estrategia del caos para una invasión. *ALAI*. América Latina em Movimento, 18 de janeiro de 2010.

WARGNY, Christophe. *Haiti n'Existe Pas 1804-2004*. Paris, Autrement, 2008.

WEISBROT, Mark. O Brasil deve defender a democracia no Haiti. *Folha de S. Paulo*, 19 de janeiro de 2010.